

# De caso com a leitura<sup>1</sup>

Verbena Maria Rocha Cordeiro

UNEB



## As primeiras investidas

Ensinando no curso de Pedagogia no Campus I da UNEB há quase duas décadas, já incluía a literatura, de forma clandestina, confesso, no curso de Didática, lá pelo final da década de 80. E como os alunos ficavam seduzidos por esse espaço, ao repartir sonhos, medos, coragens, alegrias, frustrações, movidos por enredos ou personagens literárias! Talvez, muito mais que os conteúdos ficcionais, esse espaço transgressor configurasse para os estudantes uma certa leveza em face da rigidez do ensino da Didática, que os deixava mais abertos à experiência literária. As discussões sobre as misérias e grandezas que se afiguravam nos contos, crônicas ou poemas lidos aos borbotões, enquanto o método aguardava sua vez de entrar em cena, serviam como estímulo para muitos deles refletirem sobre os mistérios da nossa condição humana.

Ouso mesmo dizer que tais estudantes traziam consigo marcas de uma sensibilidade literária um tanto adormecida, que, quando bem alimentada, revelava um universo de sentidos, gestos, conhecimentos e gosto estético que me deixava fascinada e comovida. São muitas as lembranças dessas tantas pessoas, hoje professores ou professoras, instaurando, quem sabe, aqui e ali, outras formas de lidar com a literatura e o ensino em suas práticas docentes. Será que ainda se lembram de como nos divertíamos e aprendíamos lendo, por exemplo, *O livro das pequenas infidelidades*, de Edgard Telles Ribeiro, *A partida*, de Osman Lins, *Os contos de Belazarte*, de Mário de Andrade, *O capote*, de Gogol, os poemas de Leminski ou os de amor, de Pablo Neruda?

A partir de 2004, a literatura retoma<sup>2</sup> seu passo e se inclui entre as disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia da UNEB,<sup>3</sup> constituindo-se em uma experiência carregada de acertos e desacertos, certezas e incertezas, inerentes ao nosso próprio fazer docente. A fala de uma das alunas corrobora essa posição:

Estudar Literatura e Educação foi muito importante para minha formação docente. Inicialmente, pude recordar de minha infância e de como curtia as histórias e os contos de fadas – que foram deixados

de lado na medida em que eu ia crescendo. Reviver, através dos contos narrados em sala, momentos únicos em que minha mãe contava-me histórias foi muito emocionante.

## Os passos seguintes

Ilustro minha fala, relatando algumas cenas de minha experiência<sup>4</sup> mais recente com o ensino da literatura e o seu impacto sobre os estudantes. Tomo como referência esses últimos três anos, quando retorno do meu doutorado e me vejo diante da resistência do alunado em trabalhar com literatura.

A princípio, diria o quanto foi difícil, quase desanimador, falar de literatura para aqueles jovens ou adultos, até então pouco mobilizados, que não a compreendiam como um saber docente, ainda que a leitura literária estivesse enraizada em seus percursos de formação.

A inserção da literatura no currículo dos cursos de formação de professores me favoreceu, de um lado, a superar a sua idealização, enquanto espaço ruidoso de entretenimento e diversão, e de outro, a instaurar a idéia de que a literatura se constituía em um trabalho também silencioso, de esforço intelectual, de reflexão e de tomada de consciência de seus limites e possibilidades, como qualquer outra disciplina.

Romper essa visão equivocada não foi nada fácil. A literatura na perspectiva de um saber docente, que envolve, segundo Graça Paulino, “além de competências

<sup>1</sup> A meus alunos e alunas do curso de Pedagogia do Campus I da UNEB de 2004 a 2006, agradeço os saberes e os afetos partilhados. Esse texto representa um tanto de vocês. Esse texto foi originalmente apresentado no I Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino/ENLIJE, promovido pela UFRN, 2006.

<sup>2</sup> No final da década de 80 até a década de 90, o curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus I da UNEB oferecia uma disciplina que contemplava os conteúdos da literatura infanto-juvenil.

<sup>3</sup> A disciplina Literatura e Educação passa a integrar o currículo do curso de Pedagogia do Departamento de Educação do Campus da UNEB, a partir de 2004.

<sup>4</sup> Refiro-me, particularmente, às disciplinas “Literatura e Educação” e “Práticas leitoras e Produção de texto”, lecionadas por mim, entre 2004 e esse primeiro semestre de 2006.

cognitivas, *stricto sensu*, também sensibilidades, emoções, ligações afetivas, interações, transformações” (2004, p.57), ainda é um terreno movediço. Por si só movediça, a literatura, com suas ambigüidades, silêncios, vazios, fantasmas, ardis, “mentiras”, irregularidades, personagens complexos e insubmissos, assombra-nos e assusta-nos ainda mais.

Chama-me a atenção o fato de que ainda se cometam tantos equívocos em nome da literatura, ora vista como algo inútil, ora elogiada como uma panacéia. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, ela nos reconcilia, momentaneamente, com “essa insatisfação vital” e nos ajuda a compreender o mundo de maneira mais totalizadora, mas não a ponto de ser colocada em um patamar de onipotência. Ela provoca-nos e, “nesse milagroso intervalo, somos outros. Mais intensos, mais ricos, mais completos [...], mais lúcidos que na constrangida rotina de nossa vida real.” (LLOSA, 2004, p.387). A literatura pode, sim, fustigar nossa insubmissão e nos acordar para o tamanho de nossos medos e coragens. O depoimento a seguir é exemplar:

Mais descobertas, mais dúvidas e alguns sofrimentos. Dizem que é no não que se descobre de verdade. Por hora sim. E este é o motivo do último sofrimento: o amadurecimento. E este vem acompanhado de muitos medos: de almas, de futuro afetivo, de lobisomem, medo de não ser. Medo de não ter errado – e isso é comum em ambos – Eu e Miguilim, de Guimarães Rosa.

Bem, voltando à minha experiência, confesso que, em um primeiro momento, as aulas foram tensas, provocando certo estranhamento. Na tentativa de amainar essa tensão inicial em que introduzia o estatuto da literatura, seus conceitos, sua especificidade, os pontos de intersecção com outros campos do conhecimento, o seu lugar na formação pessoal e profissional do professor, procurei outras vias de destacar a importância da literatura na formação dos estudantes e de tocar a sua sensibilidade estética. É claro que muitos já a tinham à flor da pele. Porém outros, mais resistentes, foram sendo, gradativamente, instigados a entrar no mundo ficcional e a partir daí apreender o quanto as “mentiras” da literatura, recobertas de verdade (LLOSA, 2004), dão substância às questões sociais, culturais e existenciais, próprias às tensões da contemporaneidade.

Tentei um caminho às avessas, da prática para a teoria, iniciando pela escuta de suas histórias de leitura, – canções de ninar, cantigas de roda, advinhas, trava-língua, lembranças das primeiras narrativas ouvidas. A memória como lugar de invenção e recriação. Daí foi um passo para adentrarmos o mundo da literatura com tudo o que ela implica: conceitos, linguagem inusitada, polissêmica e lacunar, metáforas, metonímias, versos, ritmos, aliterações, enfim entender todos os recursos que a tornam a arte da linguagem.

E, assim, à medida que as experiências com o texto literário foram se estabelecendo como rotina, as demandas e os desejos começaram a aflorar em cada fala, agora mais conectada com a sensibilidade e a consciência do lugar da literatura em suas vidas pessoais e profissionais.

Foi então que me surgiu a idéia de instalar um certo clima em sala de aula, instigando os alunos a terem um *caso* com a literatura. Recorto três experiências que podem ser julgadas bem sucedidas, considerando que se abriam novos horizontes de expectativas, a serem ou não conquistados.

As cartas foram a primeira e bem sucedida tentativa. Minha intenção era oferecer a cada um a oportunidade de uma aproximação mais livre e mais íntima com a obra literária. Lembro-me que, desde a década de 80, venho desenvolvendo esse trabalho. No início do semestre, convido cada um a escolher um livro, entre romance, crônica, conto, peça teatral, poesia, para lerem ao longo do curso, e, no final, enviarem, via correio, uma carta para minha casa, relatando sobre essa experiência, ou seja, qual o impacto dessa leitura sobre cada um. Muitos recorriam ao meu acervo pessoal – levado regularmente numa mala, sempre aberta e disponível – e dali escolhiam aquele que mais lhes agradasse, fosse pela capa, título, autor ou mesmo ao acaso.

Quantos e quantos livros, ao longo de quase duas décadas, foram emprestados e lidos com sofreguidão por centenas de estudantes, de diferentes idades, credos e desejos. E com que animação eles escreviam, contando suas aventuras e descobertas, em folhas coloridas ou em preto e branco:

Antes que eu me esqueça, tenho um segredo a revelar: estou achando super interessante comentar uma leitura dessa maneira [...] A idéia dessa carta, que, por sinal, tem muito em comum com a leitura, ambas são azuis. Por falar em azul, o livro que li foi *Uma idéia toda azul*, de Marina Colasanti.

[...] esqueci o prazer que é escrever uma carta. Com o telefone e a Internet, há tempos não escrevia uma carta do próprio punho.

Assim como Miguel, Pepe e seu José<sup>5</sup> deixaram um pouco de si para nós leitores, deixo, também, um pouco de mim para você, professora. Obrigada pelo empréstimo.

O livro, para alguns, tinha uma natureza quase sagrada. Devolviam-me bem encapado ou com bilhetes de agradecimento por terem tido a oportunidade de tê-lo como seu, ainda que por um breve momento. Outros, timidamente, perguntavam-me se podiam ler tal ou qual livro, como se eu fosse a chave para adentrar esse estranho mundo de seres insólitos, espaços mágicos e linguagem inusitada.

<sup>5</sup> Personagens de *Carta em carta*, de Ana Maria Machado.

E assim foi... Percebi o quanto esse foi um artifício valioso para os estudantes não só redescobrirem a ficção, como também compreenderem seus percursos de formação de leitores, revelados nessas cartas. Hoje, com centenas de cartas em minhas mãos, tenho o privilégio de ter um inestimável testemunho de leitores, com suas falas entrelaçadas de lembranças, afetos, desejos, medos, frustrações, que tecem e destecem histórias e histórias a serem contadas um dia:

*Meg fogueira*, de Sérgio Capparelli, é uma narrativa que põe o leitor, seja de que idade for, na realidade da diversidade de vivências, de sofrimentos, frustrações, alegrias que fazem parte do mundo infantil. Quando terminei de ler o livro estava de alma lavada, minha frustração de ter vivido uma vida mal curtida foi amenizada, porque vivi no livro infâncias menos curtidas que a minha...

Essa atividade passou, assim, a fazer parte da minha prática<sup>6</sup> e muitos já me conheciam como “a professora da mala ou das cartas”. Outros tantos diziam do quanto era bom escrever e pôr uma carta no correio, atividade até então inédita em suas vidas.

## E o caso fica sério

Além das cartas, outra experiência foi se revelando igualmente proveitosa: as Oficinas de Literatura Infantil e Juvenil. Recorto essa segunda experiência para ilustrar como os estudos até então desenvolvidos na disciplina Literatura e Educação foram se constituindo em uma prática prazerosa, mas destituída daquele ranço de mera diversão e hora de relaxar.

Definidos os temas – *literatura e imagens, narrativas tradicionais, narrativas modernas, foco narrativo, poesia folclórica e autoral* – os grupos escolheram aquele com o qual tivessem mais afinidade e desejo de estudar e aprofundar seu conteúdo. A partir daí, constituíram-se os grupos de estudo, tendo como referência um roteiro, contendo a seguinte orientação: sessões de estudo e pesquisa dos fundamentos teóricos básicos, percurso metodológico e formas de apresentação.

Com base num roteiro, cada grupo pesquisava seus temas, quase sempre a partir da disponibilidade da minha biblioteca e dos poucos exemplares encontrados na biblioteca da UNEB ou de exemplares que alguns adquiriam. Isso se refere tanto ao acervo teórico quanto ao literário.

Além disso, as sessões de estudo constituíram-se numa rotina de trabalho para montagem das Oficinas, com um cronograma de tutoria a cada grupo e espaços de discussão e aprofundamento teóricos, buscados por cada grupo. Cabia a cada um, intitular sua Oficina, produzir um roteiro de apresentação, organizar espaços (algumas exigiam espaços mais amplos), buscar condições infra-estruturais, produzir materiais didáticos, dentre outras

atividades imprescindíveis à produção de cada Oficina, sem perder de vista a articulação dos eixos teoria e prática. Mas a apresentação,<sup>7</sup> guardada a sete chaves, era uma surpresa a ser revelada no momento final, expressando o entusiasmo e a criatividade do grupo:

[...] senti uma aproximação real com a literatura. O material era tão rico que mal pude parar de ler até a última página. Neste momento, senti que as “sombrias” que me afastavam da literatura haviam sido removidas, pois foi através deste material e deste contato mais próximo com a professora que descobri a importância e o prazer que a literatura pode nos proporcionar. Vejo agora este campo do conhecimento com um valor inestimável e me sinto impelida a buscar mais sobre o assunto.

Hoje me sinto apta para escolher um livro de literatura, para perceber suas qualidades ou falhas, para decidir como trabalhar com o mesmo [...] fascinante conhecer a origem dos contos clássicos e seus autores, a importância do foco narrativo e como explorar as inúmeras possibilidades de trabalho para a educação infantil em sala de aula.

As aulas de literatura trouxeram de volta o encantamento, a fantasia, a imaginação, a criatividade de quando eu era menina. Despertou também o gosto pela leitura, reexperimentando emoções, de maneira única e singular e também pensei mais sobre a minha formação.

“De caso com a leitura”, terceira experiência, constituiu-se numa oportunidade ímpar para instigar a classe nos primeiros contatos com a ficção. De “malas e cuias”, adentrei a sala e os convidei a um jogo. Em uma grande roda, no chão da sala, disponibilizei um acervo de literatura infanto-juvenil, com títulos os mais diversos, e propus aos estudantes a virem dar uma primeira olhada. Eles passearam por entre os livros, desconfiados, tímidos ou curiosos, aguardando o meu comando. Apenas lhes disse: “a partir do olhar, escolham aquele que mais lhes agrada: pela cor, tamanho, forma, textura, título, autor, etc.” Só era permitido tocar, abrir, ainda não, como um caso amoroso, quando nossos olhos engolem os primeiros sinais do objeto de desejo, fazendo nossos corpos pulsarem e nossos corações darem cambalhotas... “Paquerem,

<sup>6</sup> Tenho em mãos centenas de cartas em processo de análise para produzir um artigo sobre uma experiência, a meu ver, reveladora de percursos de formação de leitores.

<sup>7</sup> A apresentação obedecia também a um roteiro: título fantasia da Oficina, desdobramentos do tema, objetivos, conceitos básicos, metodologia, recursos utilizados – audiovisual, textos impressos, cartazes, etc, textos de referência, de aplicação e outras referências (livros; sites; filmes, etc) – e a auto-avaliação (o significado do trabalho para a formação acadêmica de cada participante, o trabalho de pesquisa e criação, os processos de interação grupal e a socialização do conhecimento). Os desdobramentos foram ricos e criativos: na Oficina de Narrativas modernas, o grupo responsável finalizou com a montagem teatral de *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvania Orthof, de grande qualidade; enquanto a de Poesia teve como culminância a produção de um livro artesanal, contendo poemas ilustrados de autoria do grupo.

flertem, mas não toquem ainda... Devagar, degustando aos goles a sua escolha.” Essa era a senha!

Escolhidos os livros,<sup>8</sup> poderiam, enfim, abri-los... Após a leitura silenciosa, cada um deveria, a partir daí – isso duraria algumas sessões –, apresentar seu caso: o porquê da escolha, o impacto da leitura, a quem recomendaria a leitura, a quem contaria essa história, se gostaria de ter um exemplar, o que mais lhe marcou, dentre outros argumentos. Esse jogo de sedução configurava-se numa estratégia de partilhar cada escolha com o grupo, oportunizando a circulação de um variado acervo de literatura num pequeno espaço de tempo, o acesso a diferentes temáticas, o conhecimento de diversos autores e ilustradores e o contato com diferentes linguagens (verbal e não-verbal). Toda essa atividade propiciava um envolvimento intenso da turma, porquanto sedimentava laços de solidariedade, tornando-os cúmplices de um mesmo caso, o caso com a literatura. O depoimento a seguir sintetiza o significado dessa forma de abordar a sensibilidade estética dos alunos:

De ‘caso com a literatura’ é de fato uma fascinante aventura amorosa com a literatura. Não uma aventura qualquer, mas um firme compromisso entre livro e leitor. [...]. O livro é escolhido livremente, por afinidade com o autor, interesse pelo título, ou qualquer outro motivo. Em seguida a leitura individual, e por último, o melhor, a contação da história para toda a turma e os comentários do leitor sobre o livro, o texto, o autor, as ilustrações, tudo num clima de muita descontração, com espaço para críticas, interferências, opiniões coletivas, enfim... um trabalho que estabelece de fato um *caso*, que, a meu ver, tem despertado leitores adormecidos, tem desinibido tímidos, revelando grandes contadores de história, e o mais importante, incentivado a leitura, a qualquer momento, é como se, no meio da correria, a gente desse ‘uma pausa’, para ler, por puro e simples prazer de ler e de estar em contato com o universo literário.

Incrível como essa atividade animava o grupo, estimulando em cada um o desejo de compartilhar essa experiência – como se o livro fosse seu –, buscando o maior número de leitores. Chamou-me atenção o interesse de muitos deles em pedir emprestado o livro por um

período prolongado. Os argumentos iam desde ter mais tempo para reler até ler a história para um filho, amigo, ou alunos ou simplesmente ficar mais um tempo com seu *caso*. Abriu-se um ambiente de maior interação entre eles e a oportunidade de, em pouco tempo, socializarmos a leitura de um acervo literário bem diversificado. Alguns solicitaram a permissão para ter mais de um *caso*, apresentando em sala tão logo fosse possível. A atividade era realizada no início e no final da aula, oportunizando, assim, que todos defendessem seus *casos*.

Por fim, diria que esse é um dos percursos possíveis para articular literatura e ensino. Com o relato dessa experiência, pretendo tão somente dizer que as vias de formação de professores-leitores circulam por entre marchas e contramarchas e exigem muita disposição e investimento intelectual. A minha escuta sinaliza saldos positivos, revelando o quanto o trabalho com a literatura propicia ao aluno a descoberta de múltiplos e inesperados caminhos para a sua formação pessoal e profissional. A maior riqueza desse trabalho reside no envolvimento dos alunos com a ficção, ao mobilizar e ampliar experiências literárias até então não suficientemente estimuladas no espaço escolar. Se as práticas de leitura vivenciadas com textos literários se revelam numa atividade lúdica, prazerosa e reflexiva, incorporada pelos alunos como um saber docente, isto não significa dizer que essa experiência se constitua na única saída possível para essa questão tão delicada.

“De caso com a leitura” demonstra o quanto razão e sensibilidade se entrelaçam na prática iniciada em sala de aula, e como o professor é o agente estimulador e orientador para o despertar ou o redespertar da literatura como uma experiência global de vida, ultrapassando os limites da escola. Também apreendi que, arriscando práticas de leitura fora do “script” escolar e me abrindo à escuta sensível das diferentes histórias de leituras desses muitos alunos, consegui resultados surpreendentes e sentime plenamente útil na tarefa que tinha pela frente.

## Referências

- LLOSA, M.V. *A verdade das mentiras*. São Paulo: Arx, 2004.  
 PAULINO, G. Saberes literários como saberes docentes. In: *Presença Pedagógica*, v. 10, n. 59, p. 55-61, set./out., 2004.

<sup>8</sup> Não registrei nenhum caso de rejeição ao livro escolhido, ainda que muitos declarassem que aquela opção, em princípio, não se constituía a primeira e a mais desejada. O gosto e o prazer só se instalam depois do ato de ler.